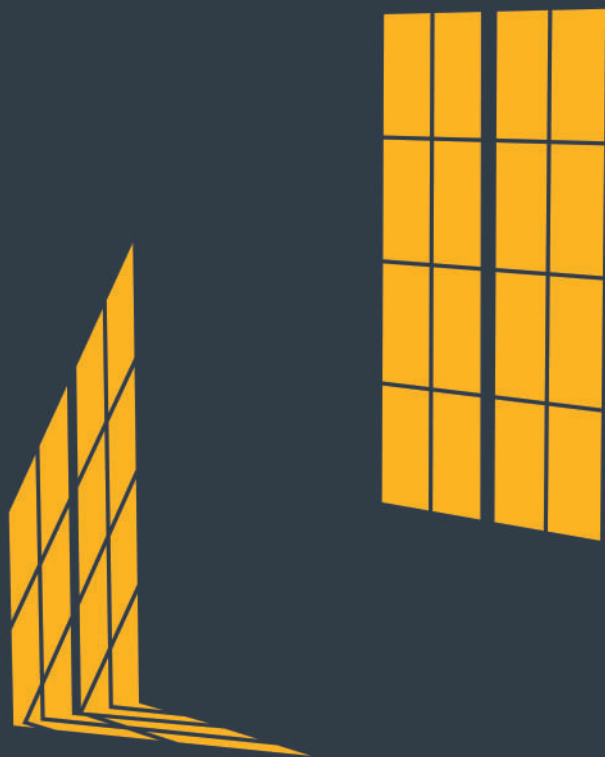


DAG SOLSTAD



A Noite do Professor Andersen



cavalo de ferro

Era noite de consoada e o professor Andersen tinha uma árvore de Natal na sala. Observou-a. «Tenho de o dizer», pensou. «Sim, tenho mesmo de falar.» Então, deu meia-volta e deambulou pela sala enquanto ouvia canções de Natal na televisão. «Sim, tenho de falar», repetiu. «Bem, o que devo eu dizer?», acrescentou, reflectindo. Olhou para a mesa muito bem-posta na sala de jantar. Posta para uma pessoa. «Curioso como isto é profundo», pensou, «e totalmente desprovido de ironia», acrescentou, abanando a cabeça. Estava ansioso por começar a jantar. Debaixo da árvore de Natal encontravam-se dois embrulhos, um de cada sobrinho, ambos já adultos. «Se eu disser que tenho esperança de comer a crosta estaladiça, pareço falar com uma ponta de ironia? Não», pensou, «porque ficarei furioso se a crosta não estiver irrepreensivelmente estaladiça e começarei a praguejar em voz alta mesmo que seja na noite de Natal». Assim como praguejara em voz alta quando, com esforço, colocara a árvore no suporte e, posteriormente, a endireitara, para que ficasse exactamente como uma árvore de Natal deve estar, e não toda torta. Havia também praguejado quando dispusera as luzes eléctricas sobre os ramos da árvore e reparara que, esse ano, voltara a emaranhá-las. Resolveu puxar os fios eléctricos, tirar as luzes uma por uma e recommençar, praticamente desde o início, a enfeitar a árvore. Foda-se, dissera ele então. Foda-se. Em alto e bom som, mas isso sucedera no dia anterior. «Curioso como a noite de consoada nos

marca profundamente», pensou. A época de festas. A noite de paz. Que se inicia à meia-noite. Não antes da meia-noite, como muitas pessoas na Noruega acreditam, porque essa é a noite anterior à noite de paz. Ou a Noite Santa. Foi à cozinha. Abriu a porta do forno. Tirou o entrecosto. Sentiu o odor apetitoso e olhou com satisfação para a crosta estaladiça. Preparou tudo o que era necessário para servir o jantar antes de ir ao quarto, para aí rapidamente se aprumar. Saiu pouco depois envergando o seu fato cinzento de bom corte, camisa branca, gravata, sapatos pretos engraxados. Sentou-se à mesa para saborear a sua ceia de Natal.

O professor Andersen saboreou a sua refeição tradicional de Natal. Comeu entrecosto com couve de conserva, legumes, batatas, ameixas e compota de arando, como era costume na sua região natal e à mesma hora que a maior parte das pessoas na Noruega partilhava o jantar de Natal, no período compreendido entre as 17 e as 19 horas. Bebeu cerveja e aguardente, como amiúde se faz para acompanhar este prato tão rico, que raramente se come, a não ser no período natalício. Ele comeu lenta e solenemente, e bebeu ponderadamente. Quando terminou, levou os talheres, os pratos e as travessas para a cozinha e serviu a sobremesa, que consistia em arroz doce, outra tradição na sua família, apesar de não ser particularmente saborosa, achava ele. Todavia também comeu a sobremesa com solenidade. Em seguida levantou a mesa e foi para a sala, onde serviu o café na mesinha diante da lareira. Acendeu o lume e sentou-se. Café e conhaque. «Dispenso os bolos de Natal», pensou. «Pouco nos bolos de Natal, prefiro

beber mais café e conhaque», riu-se, satisfeito. Olhou para a árvore de Natal iluminada ao lado da lareira. Decorada de modo simples, mas requintado, com fitas brilhantes e bandeiras norueguesas dispostas em colunas simétricas em redor da árvore. «A maior parte das pessoas enfeita demasiado a árvore», disse o professor Andersen para consigo. «Mas isso acontece sobretudo quando há crianças na família», acrescentou em tom conciliatório. Abriu as prendas dos sobrinhos. Um deu-lhe um romance de Ingvar Ambjørnsen. O outro deu-lhe um romance de Karsten Alnæs. «Sim, sim, este ano houve Natal, mais uma vez», pensou, com um pequeno suspiro.

Naquela noite, o professor Andersen sentiu uma certa tranquilidade. Uma sensação de paz de espírito que não era religiosa, mas social. Gostava de se entregar aos ritos de Natal estabelecidos pela sociedade, que, no fundo, nada significavam para ele. Não tinha necessidade alguma de os seguir, pois celebrava o Natal sozinho, e como não o uniam àqueles hábitos sentimentos profundos e sinceros, poderia passar perfeitamente sem árvore de Natal, por exemplo, ninguém que, por acaso, o visitasse na época festiva estranharia a ausência de uma árvore de Natal, pelo contrário, as pessoas que poderiam eventualmente visitá-lo mostravam-se, isso sim, admiradas por ele ter árvore de Natal, para mais uma árvore tão grande, na verdade maior do que ele, pensou, antevia já as piadas que tal pormenor originaria e não conteve uma gargalhada. «Bem, o professor Andersen tinha uma árvore de Natal, uma árvore de Natal um pouco maior do que ele próprio, tinha mesmo de ser assim tão grande», cogitou ele. Celebrava

o Natal. Sobretudo porque se sentia extremamente desconfortável ao pensar que poderia ter feito o contrário. Não ligar a nada que estivesse relacionado com o Natal, deixar que o Natal fosse celebrado e desistir dos preparativos e da celebração do Natal, agir como se fosse outro dia qualquer e, portanto, ter uma folga adicional e mais do que merecida. Usar calças de ganga normais e preparar uma palestra, ou ler a correspondência que recebera, que estava muito atrasada, em particular a de carácter oficial. Comer almôndegas com couve cozida na cozinha, ou um dos pratos de massa que ele confeccionava tão bem. Seguir a vidinha dele e deixar que os outros celebrassem o Natal nos milhares de casas onde as luzes estavam acesas. Pensar que poderia tê-lo feito, sem que tal causasse qualquer reacção especial, preocupava-o. De certo modo, sentir-se-ia estúpido se o tivesse feito. «Sim, sem dúvida que me haveria de sentir estúpido», pensou com teimosia, embora um pouco espantado, porque era de facto aquele o caso. Não podia recusar-se a celebrar o Natal, tinha de seguir as tradições e as práticas comuns. Aquela era para ele a maneira certa de agir, qualquer outro procedimento seria inaceitável, mesmo que as tradições que seguia e a celebração em que, desta forma, participava, à sua maneira e sem ter qualquer sentimento de obrigação para com a sua família ou outras pessoas, exceptuando a obrigação que sentia para consigo, e que, de resto, provinha do seu interior, destacavam um significado que, para ele, não fazia qualquer sentido. Completamente a sós, sem que ninguém soubesse o que fazia, ou se incomodasse com isso, participava na celebração da grande época cristã que pretendia recordar

o nascimento do Salvador, e, por esse motivo, sentia uma paz interior, e sentiu-se, por uma vez, reconciliado com a sua maneira de ser, algo que raras vezes acontecia, apesar do seu elevado estatuto social e do seu cargo enquanto professor de literatura na universidade mais antiga do país.

Sentou-se diante da lareira e olhou para o fogo. Atirou os papéis de embrulho coloridos dos dois presentes para a lareira e viu as chamas elevarem-se. Não atirou os dois cartões que acompanhavam os presentes para a lareira, guardou-os, sobretudo porque nunca tinha coragem de deitar fora mensagens personalizadas, e podia-se dizer que, no fim de contas, «nomes escritos à mão em cartões de oferta eram mensagens personalizadas», pensou. Bebeu café e conhaque. Fitou a lareira, embrenhado nos seus próprios pensamentos. O tempo passou. De vez em quando ia à janela e espreitava lá para fora. Olhava para a rua vazia com os carros trancados ao longo dos passeios, dispostos em filas, e para as luzes dos apartamentos em frente. Alguns dos apartamentos estavam numa escuridão absoluta, exceptuando a luz fraca das árvores de Natal no seu interior, o que significava que quem lá morava se ausentara, fora para casa de familiares para festejar o Natal. Mas outras casas estavam iluminadas. Nessas casas, as pessoas estavam presentes e festejavam o Natal. Ele reparou em especial em quatro apartamentos, onde se apercebeu que estavam reunidas muitas pessoas. Por um momento, aborreceu-o não se ter lembrado de ir à janela e fitar o outro lado da rua a meio do jantar, pois teria então visto, porventura, as quatro famílias sentadas à mesa ao mesmo tempo, todas

dentro do seu campo de visão, cada uma iluminada pelos candeeiros no seu apartamento, umas acima das outras, e ao lado umas das outras, claramente separadas e sem, de facto, terem conhecimento umas das outras, embora se tivessem reunido para festejar a mesma coisa e se encontrassem dentro da mesma união cerimonial. Oh, como ele teria ficado contente só por ver aquilo, aquela visão teria, para ele, uma beleza familiar, ingénua, confessional, civilizada, porém, já era tarde demais. Todavia, as cenas que pôde então observar nos quatro apartamentos iluminados conseguiram preenchê-lo com uma sensação peculiar de pertença. Discerniu vultos em todos os apartamentos. Vultos sentados numa calma sonolenta atrás das velas acesas nos candelabros de sete braços dispostos à janela, ou debaixo do brilho de candeeiros, ou ao lado da luz pálida das árvores de Natal. Imaginou o brilho cálido dos seus rostos e corpos nas divisões aquecidas e um torpor extenuante, que o professor Andersen sentiu como uma calma familiar e relaxante. Sentia-se próximo deles. Nessa noite, à medida que as horas se aproximavam da meia-noite e do início da Noite Santa, na qual ele desejava participar, pelo menos durante algumas horas, embora os outros não pensassem, quiçá, *naquilo* de forma consciente, e apesar de ele próprio, a nível pessoal, se sentir também muito indiferente ao assunto, existia, ainda assim, uma ligação entre o professor Andersen e as pessoas que observava da sua janela e que se encontravam sentadas, num torpor relaxante, nos seus respectivos apartamentos, porque todos eles participavam naquela cerimónia cultural com raízes profundas, e se nem todos

a celebravam em todo o seu sentido aqui na capital, a verdade é que estavam unidos no momento.

Deve ter sido por volta das onze horas da noite, uma hora antes de começar aquela a que se chama Noite Santa ou Noite de Paz, celebrada todos os anos na mesma data no nosso país e nos outros países nórdicos, embora com maior preponderância na noite anterior, na chamada Noite de Consoada, que, contudo, é celebrada com o mesmo propósito, ou seja, o de comemorar a Noite Santa, na qual Jesus de Nazaré, o Salvador, nasceu num estábulo, na cidade de Belém, na Judeia, no ano que se determinou chamar Ano Zero, que o professor Andersen, à janela, olhou para os apartamentos iluminados no outro lado da rua, estando ele sob o efeito de uma sensação peculiar de pertença porque, naquela noite, todos eles tinham presentes imagens milenares, quer se apercebessem disso, quer não. Na sua imaginação, o céu limpo estendia-se sobre a Judeia em Dezembro daquele ano que indicava o início da contagem da nossa época. O céu estrelado, os milhares de estrelas que brilhavam intensamente no céu azul-escuro. Os pastores nos campos diante de Belém. Um anjo que surge diante deles e lhes anuncia uma grande alegria. O professor Andersen imaginou o anjo diante dos pastores e das ovelhas, um anjo iluminado, e sentiu um certo conforto ao visualizar os anjos iluminados na noite escura. Ouvia, na sua imaginação, os anjos louvarem Deus, e isto também lhe proporcionou uma sensação estranhamente solene. Um berço num estábulo. Maria e José, envergando túnicas, curvados sobre o berço, e os pastores ajoelhados, e as ovelhas a olhar

para tudo aquilo. A grande estrela amarela de Belém no céu limpo. Os três Reis Magos montados em camelos, seguindo a grande estrela ao longo do deserto, que se detiveram diante de um estábulo em Belém. Reis do Oriente que se curvam perante o berço. Ouro, incenso e mirra. «Oh, aquelas imagens... Com que fervor infantil se deixava entusiasmar, como se fossem imagens sem um conteúdo religioso profundo. Uma devoção ímpia a artefactos numa época em que pouco ou nada parecia ter possibilidade de sobreviver, perdendo-se na névoa da História numa questão de segundos após ver a luz do dia, e perder-se para sempre», pensou o professor Andersen com um pequeno suspiro. «Aqui estou eu, ligeiramente embriagado e sentimental, arrebatado pelo mito do Natal», pensou o professor Andersen. «Um professor universitário de 55 anos que se abriu à sua natureza interior e que, portanto, consegue absorver antigas lendas de origem religiosa, e uma certa paz surge no seu espírito; será isto verdade, por acaso?», interrogou-se ele. «Sim, deve ser assim», acrescentou. «E que assim seja», acrescentou ponderadamente. «Não sou crente, mas pertença a uma cultura de base cristã e posso, sem qualquer ironia, permitir que o espírito do Natal me ocupe a mente. Em breve, será a Noite Santa. Mas, felizmente, tenho as minhas limitações», pensou. «Não consigo dizer “O Menino Jesus” sem que isso se torne automaticamente “O Menino da Cruz” e começo a rir», pensou, e sentiu as gargalhadas a borbulharem dentro de si. «Também não consigo dizer “Jesus”», acrescentou ele num ápice para recuperar a seriedade. «Tenho de acrescentar de imediato “de Nazaré”; Jesus de Nazaré ainda consigo dizer,

mas nunca apenas Jesus. Consigo dizer Salvador, e também Cristo. Se alguém me perguntasse se acredito em Jesus, retrair-me-ia todo, mas se alguém me perguntar se acredito em Cristo, não tenho problema nenhum em responder com educação e honestidade que não, não acredito», pensou o professor Andersen, e olhou para as janelas iluminadas no outro lado da rua. Viu as pessoas sentadas nas suas salas, com as luzes das árvores acesas, a festejar um nascimento de há dois mil anos. «Arrebatados por um ritual que, para muitos, nada significa, mas que não conseguem deixar de seguir, envergando a sua roupa de cerimónia, tal qual eu», pensou. «Com uma natureza infantil. Sim, com uma natureza infantil», repetiu, «aqui no extremo norte, no Inverno escuro, frio, numa capital moderna, num país rico e tecnologicamente desenvolvido perto do fim do século xx», pensou. «Sim, o homem adulto deveria contemplar as imagens da Noite Santa com a sua sensibilidade de criança intacta», reflectiu, «pelo menos com um sorriso e uma anuência relativamente a estes aspectos, ou possibilidades, nos seus pensamentos profundos, como se para encorajar a sua presença, ao invés de as colocar no seu devido lugar, como muitas vezes se faz, e muitas vezes também o fazem correctamente», acrescentou de modo prosaico diante da janela do seu apartamento, enquanto esperava que tivesse início a Noite de Paz, e que esta terminasse, noite em que passaria uma, talvez duas horas em reflexão profunda antes de se deitar, decidira ele, diante da janela, envergando roupa elegante e olhando para as janelas iluminadas no outro lado da rua.

Mas, então, eis que surgiu uma mulher numa das janelas, a qual não pertencia a nenhum dos quatro apartamentos que mantivera sob vigilância naquela noite, mas a um dos apartamentos mais pequenos no mesmo edifício, que, ele reparara, estivera sempre iluminado, embora não lhe tivesse despertado a curiosidade, talvez porque os seus habitantes se encontrassem tão no interior do apartamento que era impossível obter uma qualquer impressão sua. No entanto, apareceu ali uma mulher. Ela olhou pela janela. Era bonita, pareceu ao professor Andersen, ali à janela com o seu cabelo loiro e comprido, e a olhar solenemente em frente. Podia não ser bonita na realidade, mas pela maneira como apareceu à janela parecia ser bonita, tinha uma aparência esguia e juvenil, e o seu cabelo era loiro e comprido. «É nova», pensou o professor Andersen, «talvez seja secretária, ou estudante, a tempo inteiro ou para ganhar um dinheiro extra». Contudo, não conseguiu observá-la durante muito tempo, porque, subitamente, ela virou-se, uma vez que surgiu, atrás dela, outro vulto. Era um homem, também ele parecia jovem, conquanto o professor Andersen não pudesse, de facto, dizer porque é que lhe parecia que o novo vulto pertencia a um homem jovem. «Mas uma pessoa tem a certeza destas coisas, ocorre-nos imediatamente, pode ter a ver com a agilidade com que apareceu, por exemplo», pensou, antes de recuar horrorizado ao ver o homem, que, com imediata certeza, determinara ser jovem, pôr as mãos no pescoço da mulher e apertar-lho. Ela debateu-se agitando os braços, constatou o professor Andersen, contorceu o corpo, reparou ele, antes de se imobilizar por completo sob as mãos

do homem, perdendo toda a sua rigidez. O homem endireitou-se e o professor Andersen escondeu-se rapidamente atrás das cortinas, porque viu que este se dirigia à janela. Quando o professor Andersen espreitou cuidadosamente por detrás da sua cortina, viu que as cortinas no outro apartamento tinham sido fechadas. «Tenho de telefonar à polícia», pensou. Encaminhou-se para o telefone, mas não lhe tocou. «Foi um homicídio, tenho de ligar à polícia», pensou, mas continuou a não pegar no aparelho. Ao invés, regressou à janela. As cortinas da janela do apartamento no outro lado da rua permaneciam fechadas. Nada indicava que ocorrera algo de anormal ali. Era a noite de consoada, já tarde, as cortinas estavam fechadas, parecia tudo aparentemente normal. «Mas vi o que se passou com os meus próprios olhos», gemeu ele. «Testemunhei um homicídio, tenho de o comunicar a alguém.» Olhou para a janela com as cortinas fechadas. Observou-a durante muito tempo. Cortinas grossas que não deixavam entrar nem sair um único raio de luz. «O que é que aconteceu?», pensou. «É horrível, mesmo diante dos meus olhos, vi tudo com os meus próprios olhos, sim, posso descrevê-lo pormenorizadamente. Tenho de ligar à polícia.» Foi até junto do telefone, porém não lhe tocou. «Que devo dizer?», pensou. «Que vi um homicídio? Sim, é o que devo dizer. E então vão rir-se de mim e dizer-me para me ir deitar, e voltar a ligar quando estiver sóbrio, porque toda a gente sabe», acrescentou ele, «que quando se bebe um pouco e se tenta parecer sóbrio, facilmente se pode ser visto como estando fortemente embriagado, porque a pessoa preocupa-se tanto em não falar arrastadamente que fica com um

discurso incompreensível. E como estou agora completamente fora de mim, isto não vai dar bom resultado.»

Assim, pôs-se à janela, atrás da cortina, com todas as luzes da sua sala apagadas, e manteve-se de vigia à janela na qual vira ser cometido um homicídio. Passou várias horas nesta posição, na escuridão da sua sala, a observar. A superfície rectangular no outro lado da rua. Que ocultava o que ele tinha visto. «É estranho eu não telefonar à polícia», reflectiu. «Ainda não é muito tarde. Mesmo que não acreditem em mim, que digam que eu estou bêbedo ou o que quer que seja, pelo menos terei reportado o caso e depois caber-lhes-á a eles decidir o que fazer. É muito simples.» Todavia não telefonou. Continuou à janela, a olhar em frente. Olhou para a superfície rectangular no outro lado da rua. Ele ainda estaria lá dentro? Provavelmente sim, porque não vira nenhum homem sair pela porta principal do edificio. Mas podia ter fugido quando o professor Andersen estava junto ao telefone. No entanto, nesse caso, para que teria ele fechado as cortinas? «Não, ele ainda tem de estar lá dentro», pensou o professor Andersen. «Atrás das cortinas grossas encontra-se um jovem na companhia de uma mulher morta, que ele acabou de assassinar. E eu sei tudo isto», pensou, «mas não faço nada com a informação que possuo. Devia ter telefonado, quanto mais não fosse para me salvaguardar a mim mesmo. É estranho, sei que o devia ter feito, mas não consigo. É assim que as coisas são, simplesmente não consigo.»

Ele continuou a olhar para a janela fechada, mas manteve também a porta do edificio sob vigilância, não fosse

o assassino sair. Não obstante, nada aconteceu. A noite ia já adiantada e o professor Andersen apercebeu-se que estava a ficar com sono. Que estava ele a fazer ali? Esperava *ver* alguém abrir de repente as cortinas? Ou que o assassino saísse do prédio, para que lhe pudesse dar uma olhadela? Para que faria ele isso? Qual era o seu propósito? Tinha de ver o homem que não conseguia denunciar à polícia para que fosse detido pelo homicídio que acabara de cometer? Por que diabo teria de o fazer? O professor Andersen teve de admitir que nutria um desejo obsessivo de *ver* o homicida. Senão porque passaria tanto tempo à janela de olhos fitos na porta de entrada do prédio? Porque tinha a certeza de uma coisa: que observara constantemente a janela fechada com a esperança de ver as cortinas abrirem-se de novo, porventura com uma esperança irracional de que tudo estaria como antes, de que a mulher jovem surgiria à janela, nova e bonita como antes, por um qualquer motivo, sobre o qual não teria de especular. No entanto, quando o seu olhar começou a fixar-se na porta do prédio, o seu desejo era ver o assassino a escapar-se, não para ver concretizado o sonho impossível de constatar que o jovem casal saía calmamente pela porta na noite de Natal; oh, não, ele não acreditava de todo nisso, nem sequer como uma esperança impossível. Agora, ao relancear a entrada principal, esperava ver o assassino a correr para longe dali, ver a cara do assassino, e desejava-o obsessivamente. No entanto, o professor Andersen achou este desejo tão desagradável que decidiu não continuar ali, envolvido naquela situação, até ver cumprida a sua vontade bizarra de ver o rosto do assassino. Foi, portanto, para a cama.

Conseguiu dormir. De modo inquieto, é verdade, mas conseguiu dormir. Deu voltas e mais voltas na cama, quase como num dormitar inquieto, mas dormiu. Perto da alvorada, despertou porque teve de se levantar para urinar. Levantou-se tropeçadamente e foi ao quarto de banho. Assim que terminou, regressou à cama aos tropeções, mas não sem antes fazer um desvio pela sala, tendo-se dirigido à janela e olhado para o apartamento no outro lado da rua. As cortinas estavam ainda fechadas. Voltou para a cama e quando acordou já era tarde.

Foi ao quarto de banho e tomou um duche. Vestiu o mesmo fato do dia anterior, camisa branca e gravata, sapatos pretos, uma vez que era dia de Natal, e foi à cozinha preparar o pequeno-almoço. Enquanto punha a mesa na sala, deslocou-se até à janela e olhou lá para fora. Começara a nevar. Grandes flocos de neve caíam do céu e tinham coberto a rua e o passeio. Ao professor Andersen pareceu-lhe tudo tão pacífico que sentiu uma pontada no coração ao deixar o olhar deambular até à janela do apartamento no outro lado da rua. As cortinas ainda estavam fechadas. Tomou o seu pequeno-almoço de Natal e decidiu, depois, dar uma caminhada na neve.

O professor Andersen tinha um apartamento espaçoso em Skillebekk, uma zona residencial junto ao mar, em Frognerkilen, mas separada da linha de água primeiro pela (agora desactivada) linha de comboio e depois pela auto-estrada, que constitui a principal via de acesso à zona oeste de Oslo. O ar frio atingiu-o assim que saiu do edifício e dobrou a esquina com a Drammensveien, ao mesmo tempo que reparou que a neve caía abundantemente e se lhe acumulava no

cabelo (não trouxera gorro nem chapéu). A neve estava já bastante profunda e não a tinham limpo, excepto na própria Drammensveien, e um ambiente alegre e resignado imperava nas ruas laterais, enquanto os donos dos carros se debatiam com grandes dificuldades em conduzir, e como era dia de Natal e ninguém tinha deveres importantes a cumprir, isto fez com que chegassem ruidosamente a um acordo acerca das condições inverniais caóticas que o nevão da noite ou da madrugada havia causado, e ao professor Andersen tudo isto pareceu muitíssimo agradável do ponto de vista social ao avançar na neve entre todas aquelas pessoas tão contentes que atraíam a atenção para as suas tarefas fúteis mas cansativas. Ele subiu a Niels Juels gate até à Bygdøy Allé, e daí seguiu até Briskeby. Tinha saído apenas para caminhar, assim como muitos outros nessa manhã de Natal. Contudo, ainda antes de chegar a Briskeby, decidiu regressar. Não conseguiu caminhar mais, sentia o coração muito pesado. Não tinha sossego. «Oh», pensou ele, «quem me dera ter telefonado, assim tinha resolvido este assunto de vez. Nesse caso teria sido apenas um episódio entusiasmante, que teria terminado por completo, pelo menos no que me dizia respeito a mim. Mas agora não tenho sossego», pensou, e decidiu regressar.

Porém, por um instante, pensou se não deveria continuar, ir até Briskeby e depois seguir pela Briskebyveien para apanhar a Industrigata até Majorstua e alcançar a esquadra da polícia na Jacob Aalls gate. «Afinal de contas posso comunicar o sucedido agora», pensou ele, «e arrumo o assunto de vez. Claro que posso deparar-me com uma situação

desagradável por não os ter informado antes, mas todas as pessoas devem compreender, se pelo menos tentarem compreender, que isto pode acontecer a qualquer indivíduo.» Por um instante, sentiu-se tão tentado pela ideia de continuar até Briskeby, de seguir pela Briskebyveien e chegar à esquadra de polícia de Majorstua que se sentiu aliviadíssimo por assim pensar, por imaginar que era possível. No entanto, assim que sentiu o alívio perpassar-lhe o corpo, apercebeu-se de que era apenas uma ideia que o podia alegrar momentaneamente, mas que nunca seria realizada, e decidiu que nunca mais se entreteria com semelhantes pensamentos hipotéticos, que o levavam tão-só a afundar-se cada vez mais na incerteza, como se convenceu a si mesmo, ao mesmo tempo que dava meia-volta e descia a Niels Juels gate de regresso a Skillebekk. Dirigiu-se a casa ansioso por ver se acontecera alguma coisa. Conseguiu conter-se e não olhou para a janela do outro prédio enquanto se encontrava na rua, diante do prédio onde morava, e com o outro prédio no lado oposto da rua, esperou até entrar no edifício, subir as escadas até ao seu apartamento, entrar e aproximar-se da janela. Não. Estava tudo na mesma.

«Vê se te controlas», disse rapidamente para consigo. «Saís-te meia hora na tarde do dia de Natal, mais ou menos entre as 12h45 e as 13h15. Como poderias acreditar que haveria de acontecer alguma coisa à janela em tão pouco tempo? Podias ter a esperança de que assim fosse, é claro, mas só uma esperança débil. Vai acontecer lá alguma coisa, mas não necessariamente hoje. É preciso ter calma. Pensa noutra coisa.» Mas não conseguiu pensar noutra coisa.

É noite de consoada e o professor Andersen, divorciado, 55 anos, está em casa a celebrar o rito natalício com um copo de conhaque e uma chávena de café por companhia. Perdido nos seus pensamentos, olha pela janela e vê um homem a estrangular uma mulher no apartamento em frente. Apanhado de surpresa, não telefona para a Polícia a denunciar o crime. Os dias passam e o Professor sente-se cada vez mais paralisado pela sua própria indecisão e pela obsessiva autoanálise que esta acarreta. Ansioso por descontraír um pouco, dirige-se a um restaurante de *sushi*, apenas para se aperceber de que o único outro cliente é, nem mais, nem menos, o assassino.

Parte romance *noir*, parte Hitchcock, parte crítica social, *A Noite do Professor Andersen* é uma impiedosa indagação sobre a culpa e a responsabilidade individual, uma ficção brilhante e, ao mesmo tempo, incómoda, que questiona o leitor sobre o papel dos valores culturais, filosóficos e morais nas sociedades de hoje.

«Dag Solstad é um explorador inflexível das dificuldades que a humanidade instruída tem em lidar com o inexplicável.»

The Independent

«Os seus livros irradiam um brilho único, inimitável,
cheio de *élan*.»

Karl Ove Knausgaard

ISBN 978-989-623-260-3
9 789896 232603



cavalo de ferro